

MERCÚRIO NA TORRE DO MERCADO: PERCURSO E SIGNIFICADO DE UM SÍMBOLO GREGO NO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS, RS

ISABEL HALFEN DA COSTA TORINO¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹ Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - bel.torino@hotmail.com

² (orientador) Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, de natureza interdisciplinar, trata de uma escultura em metal que representa o deus Mercúrio na mitologia romana ou Hermes na mitologia grega e que teria sido colocada no alto da torre do Mercado Público de Pelotas após a grande reforma¹ que o prédio sofreu de 1911 a 1914, quando foram acrescentados quatro torreões adornados e uma torre metálica de 30 m de altura, vinda de Hamburgo, na Alemanha (ALMANAQUE DE PELOTAS, 1914)

Além de não possuir documentação, a história desse bem cultural é cercada de informações escassas e contraditórias. Após ter desaparecido durante décadas, para mais tarde surgir em uma sala da Secretaria Municipal da Cultura de Pelotas, a escultura passou, também, por algumas intervenções e tentativas de restauro com material e técnicas desconhecidas.

Este mercúrio, réplica da obra do escultor Giambologna (1529-1608), que está no Museu Nacional de Bargello, em Florença, na Itália, é representado de acordo com a iconografia tradicional (PANOFSKI, 1991), com chapéu alado (petasus alatus) e sandálias também aladas (endromidas), segurando no braço esquerdo um caduceu. Figura ou personagem complexa (DAREMBERG e SAGLIO, 1900), com muitos atributos e funções, Hermes ou Mercúrio, além de relacionado às atividades mercantis, é também considerado como o mensageiro dos deuses, o protetor dos viajantes, o deus dos sonhos e do sono (Carr-Gomm, 2004) e com importantes funções relativas às atividades culturais, como a música e a educação.

Desde a antiguidade até a contemporaneidade, podemos observar a prática e diferentes processos de representação do passado, que ocorrem em tentativas de afirmar, no presente, laços que consideramos caros, ou seja, com o propósito de resgatar vínculos identitários (CANDAUI, 2011). Uma destas práticas se traduz na reivindicação patrimonial, pela valorização de bens culturais a partir de valores de percepção que lhe são atribuídos (GONÇALVES, 2007). O conceito de patrimônio e os valores a ele conferidos evoluíram ao longo da história da humanidade, mas a sua relação com a memória e a identidade (MENESES, 1984) sempre persistiu, tornando-se cada vez mais forte e íntima, chegando à atualidade com uma necessidade absoluta de manutenção desses laços (CASTRIOTA, 2009).

Ao ponderar sobre essa percepção de valores e sistemas classificatórios atribuídos ao patrimônio e considerando que a cidade de Pelotas possui um número expressivo de bens culturais hierarquizados e classificados como móveis

¹ O prédio do Mercado Municipal de Pelotas foi construído entre os anos de 1849 a 1850, segundo Atas da Câmara Municipal.

e imóveis, avalia-se que este bem cultural encontra-se deslocado de seu tempo, dissociado também pela falta de documentação, de pesquisa histórica e, portanto, descontextualizado. Assim, julga-se importante trazer à tona aspectos até então obscuros em relação a um bem patrimonial tão lembrado e reivindicado por parte dos pelotenses e, ao mesmo tempo, tão desconhecido ou esquecido por outra parte dos habitantes locais. Questiona-se em que momento e por qual motivo essas informações se perderam ou se distanciaram da identidade da população pelotense.

Os objetivos desta investigação, portanto, são: identificar e documentar a origem da escultura; analisar o número de vezes e em que circunstâncias a obra foi submetida a intervenções de restauro; estudar os materiais do suporte e os procedimentos de recuperação sofridos; abordar o percurso patrimonial sofrido por ela. Além disso, estudá-la no contexto das estátuas congêneres em outras cidades, e investigar o sentido cultural da escolha por uma escultura de Mercúrio, no contexto local, no cenário de outras figurações desta personagem mitológica.

Além das relações de memória, esquecimento e identidade, os “usos do passado” surgem como outra questão a ser entendida entre as representações e o imaginário da população pelotense como tentativa de recriação da cidade (PESAVENTO 1995). Sob esse aspecto, é interessante observar as diferentes narrativas de um mesmo objeto, como no caso específico do “Mercúrio pelotense”, cercado por tantas controvérsias, onde pessoas de uma mesma geração e que, portanto, deveriam ser testemunhas de uma mesma história, apresentam discursos opostos. Afora essas questões, há interesse particular, também, na forma como a cidade dialoga com essa escultura, isto é, como se expressa a relação entre a população que reivindica este bem cultural e o envolvimento e compromisso dos órgãos públicos com a tutela deste patrimônio cultural.

2. METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa é a de obter, por meio de pesquisa qualitativa, documental e pesquisa de campo, o maior número de informações possíveis relacionadas à escultura do deus Mercúrio, de Pelotas, já que a mesma ainda não possui documentação nem informações confirmadas sobre sua história. A pesquisa será desenvolvida, primeiramente, por meio de revisão bibliográfica sobre as questões que envolvem a gênese e atributos do deus Mercúrio: alegorias, representações e iconografia.

Para a pesquisa histórica, será feita busca de informações em fontes documentais e bibliográficas. Pretende-se investigar em periódicos da Biblioteca Pública pelotense notícias e relatórios da Intendência Municipal, que eram veiculados naquela época. Também serão consultados arquivos do executivo e do legislativo municipal de Pelotas e o acervo bibliográfico do Instituto Geográfico de Histórico pelotense, com o objetivo de obter informações referentes à origem da escultura de Mercúrio, sua aquisição, instalação na torre, sua degradação física e estrutural, as intervenções pelas quais passou e o seu percurso patrimonial até o momento. Para tanto, serão aplicadas entrevistas com pessoas que fizeram parte desta trajetória traçada pelo “Mercúrio pelotense”. Para estudar o percurso patrimonial do Mercúrio pelotense, pretende-se apoiar no conjunto de documentos e instrumentos de proteção legal aplicáveis aos bens culturais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratando-se de uma pesquisa em fase inicial, muitos dos seus objetivos ainda não foram cumpridos. No entanto, o estudo e a observação da trajetória sofrida pela escultura do deus Mercúrio, já permitem conduzir a algumas reflexões preliminares sobre o seu percurso patrimonial: as questões que envolveram o seu desaparecimento, a sua deterioração, as intervenções de restauro sofridas e os procedimentos e tentativas frustradas de proteção refletem as falhas de gestão dos órgãos públicos que deveriam ter sido responsáveis pela sua tutela, preservação e pelo seu retorno à comunidade pelotense.

4. CONCLUSÕES

Por sua natureza interdisciplinar, cuja investigação abrange as áreas de patrimônio cultural, memória, identidade, conservação e restauro e políticas públicas, essa pesquisa irá proporcionar, por meio do diálogo entre as diversas áreas envolvidas, o esclarecimento da trajetória desse patrimônio cultural pelotense, colaborando para contextualizá-lo histórica e culturalmente. Ao buscar uma reflexão sobre as ações sofridas por ele ao longo do tempo, desde as tentativas de recuperação da escultura até as posturas adotadas até então; os problemas decorrentes de falhas na gestão patrimonial e da quase inexistência de instrumentos de proteção legal para bens culturais móveis, acredita-se que este trabalho colaborará para a implantação de medidas efetivas de uso dos instrumentos de proteção legal na tutela e salvaguarda dos bens culturais, estimulando uma nova concepção de políticas responsáveis de preservação patrimonial dos bens móveis em nossa cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almanaque de Pelotas. Gráfica Diário Popular, 1914.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARR-GOMM, S. **Dicionário de símbolos na arte**: guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais. São Paulo: EDUSC, 2004.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo, Annablume, 2009.

DAREMBERG, C e SAGLIO, E. **Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines. D' après les textes et les monuments**. Paris : Librairie Hachette, 1900. Tomo III, volume I. Acessado 22 maio 2013 online. Disponível em : <http://dagr.univ-lse2.fr/sdx/dagr/feuilleter.xsp?tome=3&partie=1&numPage=132&nomEntree=HERMAE>

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos Objetos: Coleções, Museus e Patrimônios**. Coleção Museu, memória e cidadania. Rio de Janeiro. 2007. 256 p.

Acessado 20 mar. 2013 online. Disponível em:
http://nau1.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. Revista do Centro de Preservação Cultural/USP, no.1, p.16-40, São Paulo, 2006. Acessado 23 Out. 2012. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n1/a03n1.pdf>

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20/1984. P. 33. Acessado 31 maio 2013 online. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_n\Trbs\RevIPHAN\RevIPHAN.docpro&pesq=identidade%20cultural%20e%20patrimonio%20arqueologico

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. V. 15 n. 29, p.9-27, São Paulo. 1995. Disponível em: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14
Acesso em 27 Set 2013.